

Albuquerque
Copia para

CEDI - P. I. B.
DATA 01.04.93
COD. 5000004

Brasília-DF, 05 de maio de 1970

Caro Senador Aurélio Viana,

Se, quando cronista parlamentar, em três legislaturas, pude fazer eco às suas palavras, divulgando na imprensa os seus lúcidos pronunciamentos, considero-me regamente pago, ao ler o seu discurso, de ontem, à memória de Rondon.

Subscribo todos os seus conceitos, rendo-me à evidência - da sua análise, pressinto a total restauração democrática do nosso País, quando ouço um representante da oposição fazer, na tribuna do Senado, a melhor defesa do Brasil contra uma campanha internacional que não nos consegue diminuir mas antes nos exalta, como nação multi-racial e cristã, no respeito próprio e universal.

Nós, os mamelucos, não nos esquecemos de que as guerrilhas da Restauração Pernambucana foram ganhas, principalmente, pelas flechas de Poti e Arcoverde, muito mais do que pela cobiça reinol de Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, rendidos, quase vinte anos, ao poder econômico e à sujeição militar da Companhia das Índias Ocidentais.

Transporto para o atual contexto histórico aquele episódio pinacular da nossa formação, temos de convir que a figura de Domingos Fernandes Calabar também se reafirma hoje - com exceção à regra geral do nosso nacionalismo cristão - naqueles que, nas ínvias veredas dos nossos sertões, nos confins da mata, reproduzem a figura espectral do "bugreiro", do preador de índias, do invasor impenitente, do "gri-leiro" ominoso.

São exceções. A regra é o brasileiro que se orgulha da origem ameríndia; a generosidade de José Bonifácio e Rondon; a bravura de Manuel Rabelo, que conhecemos, apóstolo positivista dos Rangang; a lúcida vocação protetora de Horta Barbosa; o desprendimento dos antigos funcionários do SPI, que morreram de arma no coldre, defendendo-se apenas com os braços, do tacape do índio enfurecido.

Que nação não se orgulharia da bravura indônta de Ajuricaba? Da nobre altaneria de Ararigbóia? Da maternal cordura de Rosa Bororo, da Índia Vanuire e de Clara Camarão? Da fidelidade à palavra empenhada por Tibiriçá? Da circunspeção e lealdade do Xavante Apoená?

Houve um homem que herdou, no seu sangue Terena, tôdas essas másculas virtudes: Rondon, o soldado pacifista, o estadista apolítico, cavaleiro sem medo e sem mácula, figura de uma nacionalidade que não precisa, para engrandecer-se, de criar mitos históricos.

Agradeço-lhe a justiça feita à FUNAI, não pelo que lhe pude dar do meu trabalho e do meu amor ao índio, mas por quanto pode, em dois anos, fazer uma pequena equipe, em que a juventude se representa, brilhantemente, pelos abnegados rapazes dos Cursos Piloto de Indigenismo.

Recuperamos hospitais; multiplicamos as escolas primárias; fundamos escolas normais indígenas; uma Fazenda-Escola em Minas Gerais; um Centro de Recuperação e Treinamento; reservamos aos índios cerca de 100.000 Km² de terras; pacificamos cinco tribos; saboamos os remanescentes Suriá de Diamantino e Gavião-da-Serra do Maranhão, colocando-os no Parque Indígena do Xingu e no Porto Indígena de Mãe-Maria, no Pará; e perdemos nove sertanistas na Missão Calleri, sem que aos índios Atroari se infligisse uma só ferida.

A última Semana do Índio foi comemorada em todo o País, - cercada a figura do nosso aborígene pelo carinho das grandes cidades, - como o Rio, Brasília, Goiânia, Recife, Curitiba, Belém e São Paulo.

Renova-se, neste País, uma consciência indigenista, que não quer ver o silvícola como fóssil vivo para a curiosidade dos etnólogos, mas pretende integra-los na comunhão nacional, tarefa obtida outrora, se lembrarmos que Poti morreu falando português, latim e grego, com a Comenda que lhe valeu o título de D. Felipe Camarão.

A melhor homenagem prestada pela FUNAI à memória de Rondon foi a criação da Guarda Rural Indígena, jovens soldados pacifistas, com a missão de restaurar as chefias tribais, manter a incolumidade da sua posse territorial e preservar os recursos naturais renováveis na

na terra que a Constituição lhes assegura.

Temos inimigos, intra e extra-muros. Mas, com o apoio integral do Governo e a ajuda de palavras encorajadoras e justas como as suas, chegaremos à redenção do índio brasileiro e do caboclo que por vezes o enfrenta, fere e mata, por mistérios daquela angústia que desencoraja o intruso na selva.

Não é ele, também pobre vítima da ignorância e da incúria, mas o "grileiro", o mau bandeirante, o financiador das bárbaras predações na selva, este o nosso inimigo, da Pátria e da Humanidade.

Também não é verdade que a FUNAI pretenda transformar o índio no maior latifundiário do Brasil.

Em primeiro lugar porque não são proprietários mas possesores de bens dominiais; a posse é da tribo, num belo exemplo de coletivismo agrário, uma lição aprendida dos Guaranis pelos jesuítas do Paraguai, já no século XVII.

Nada temam as frentes pioneiras se respeitam os índios.

Há três dias recebemos, no Xingú, os índios Suiá, que ocupavam uma reserva de 13.000 quilômetros quadrados, decretada pelo Presidente Costa e Silva. Bastante primitivos vivendo de caça, pesca e coleta suas terras foram vendidas pelo Governo de Mato Grosso. Com a invasão branca, rompeu-se o equilíbrio biótico da tribo: de 300, há cinco anos fomos encontrar 44. Três crianças estão internadas em hospitais da Guanabara; 41 índios assistidos, hoje, por cinco médicos e três enfermeiras, além da vigilância indormida dos irmãos Orlando e Cláudio Vilas Boas.

A pacificação foi feita pelos padres Iasi, Adalberto e Tomaz, da Missão Anchieta de Diamantino. Gastamos mais de cinquenta mil cruzeiros novos e recebemos, de ajuda, em quase dois anos, quatro mil cruzeiros dos interessados, que lucraram 1.300.000 hectares de boas terras. Ninguém até agora, agradeceu ao Presidente Médice, ao Ministro Costa Cavalcanti, nem à FUNAI...

Perdoe-me as longas palavras. Creio que não serão "vana verba". E receba o fraternal abraço do

